

FISCHBORN, Luciano; ALMEIDA, Francis Morais de. "Violência na mídia on-line e nos comentários do Facebook: entre a compaixão e o nojo". *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, pp. 173-188, abril de 2020, ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## Violência na mídia on-line e nos comentários do Facebook: entre a compaixão e o nojo\*

Violence in online media and Facebook comments: between compassion and disgust

*Luciano Fischborn  
Francis Morais de Almeida*

Recebido: 11.09.2019  
Aceito: 15.02.2020

**Resumo:** Este artigo analisa as representações da violência criminal na mídia e nas redes sociais on-line a partir da perspectiva contextualista, com atenção para a capacidade micropolítica das emoções. Busca-se compreender que emoções mobilizam e são performadas pela mídia e pelos usuários frente a ocorrências criminais nas redes sociais. Para isso, tem-se como objeto as publicações do jornal Diário de Santa Maria, importante veículo na região central do Rio Grande do Sul, além dos comentários dos internautas em sua página no Facebook. Os dados foram analisados com auxílio do *software* NVivo a partir da análise de conteúdo, que revelou, em relação ao jornal, uma postura descritiva e sistemática, apesar da grande atenção às ocorrências criminais. Já nos comentários, houve um predomínio de perfis femininos e foram encontradas manifestações emocionais distintas, em alguns casos predominando respostas de compaixão, empatia e solidariedade quanto ao crime e as vítimas, mas em outras se destacou o nojo, ódio e raiva, reações que revelam regramentos morais e sociais. Ainda, a indignação, suscitada pela empatia à dor, teve capacidade micropolítica de mobilização. **Palavras-Chave:** violência, mídia, facebook, comentários, emoções

**Abstract:** This paper analyzes the representations of criminal violence in the media and online social networks from the contextualist perspective, paying attention to the micropolitical capacity of emotions. We seek to understand what emotions mobilize and are performed by the media and users in the face of criminal occurrences in social networks. For this, it has as its object the publications of the newspaper Diário de Santa Maria, an important vehicle in the central region of Rio Grande do Sul, as well as comments from internet users on its Facebook page. The data were analyzed with the help of NVivo software from content analysis, which revealed, in relation to the newspaper, a descriptive and systematic posture, despite the great attention to criminal occurrences. Already in the comments, there was a predominance of female profiles and found different emotional manifestations, in some cases predominating responses of compassion, empathy and solidarity with the crime and victims, but in others stood out disgust, hatred and anger, reactions that reveal moral and social rules. Also, the indignation, caused by empathy for pain, had a micropolitical capacity for mobilization. **Keywords:** violence, media, facebook, comments, emotions

---

\*Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no 43º Encontro Anual da ANPOCS.

## Introdução

Este artigo analisa as representações da violência criminal na mídia e nas redes sociais on-line. Tem-se como objeto as publicações do jornal Diário de Santa Maria (DSM), importante veículo na região central do Rio Grande do Sul, além dos comentários dos internautas em sua página no Facebook. O jornal se caracteriza como um diário local, que noticia diariamente as ocorrências locais e regionais, com destaque para crimes, divulgando as matérias em sua página no Facebook, na qual os usuários comentam e interagem, expondo suas visões de mundo. Esta pesquisa visa responder as seguintes indagações: como a mídia veicula e como o público reage nos comentários às matérias de ocorrências criminais nas redes sociais on-line? que emoções mobilizam e são performadas pela mídia e pelos usuários frente às ocorrências criminais nas redes sociais?

Alguns estudos do campo da Sociologia da Violência sobre mídia já abordaram o tema em outros meios de comunicação, como a televisão e literatura, que de modo geral, apontam para a dramatização da violência, isto é, uma postura notadamente emocional, em alguns casos misturando informação e ficção, associando essas tendências à formação da modernidade tardia (GARLAND, 2008; SANTOS; TEIXEIRA, 2016; TEIXEIRA, 2009; PASSIANI, 2016). Esses estudos abordam a violência nos meios de comunicação tradicionais e por isso mesmo utilizam conceitos dos estudos culturais, como *representação* ou mesmo *figuração*. Neste artigo, por outro lado, se tem como objeto os discursos dos próprios atores sociais e adota-se a Sociologia e Antropologia das Emoções, especificamente na perspectiva contextualista devido ao seu foco na capacidade micropolítica das emoções, ou seja, como elas expressam relações estruturais e de poder (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990), por estarem de acordo com as manifestações emocionais presentes nesse objeto que já foram percebidas por outros estudos no campo da violência como Garland (2008), Teixeira (2009) e Ferreira Júnior (2016).

Com a recente popularização do acesso à internet as redes sociais on-line disputam espaço mídias tradicionais, que no Brasil se dá a partir da disseminação dos smartphones (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018). Tamanho é o impacto dessas transformações que não se pode mais pensar em uma oposição entre o mundo real e virtual, uma vez que “as novas mídias não criam um universo social à parte”, mas “antes mediam e modificam a forma como vivemos nossa vida off-line dentro de um contínuo articulado e interdependente” (MISKOLCI, 2011, p.16). Nesses novos espaços, criam-se novas relações sociais abrindo um novo tipo de possibilidades de pesquisa a partir dos conteúdos disponíveis nas redes, postados pelos próprios atores sociais, tomados como autocomunicação de massa, possibilitada pela internet e caracterizada pela multidirecionalidade e instantaneidade (CASTELLS, 2015).

As publicações de crimes violentos foram coletadas no decorrer do mês de abril de 2017, totalizando 57 reportagens e 1793 comentários no Facebook, e analisados com o auxílio do *software* NVivo e classificados em categorias desenvolvida durante a pesquisa a partir da análise de conteúdo.

## O Facebook e o Diário de Santa Maria

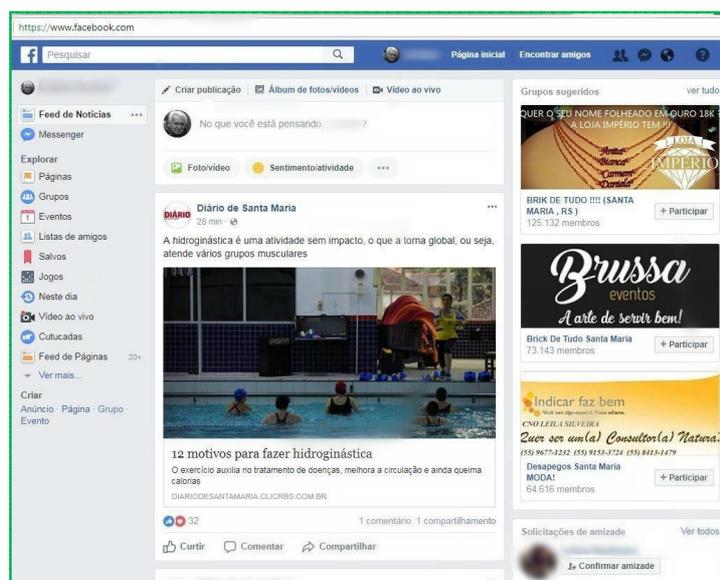
Para Miskolci (2016, p.283), o que define nossa era em termos sociológicos é a conexão em rede por meios tecnológicos, devido à transição de uma sociedade baseada nas relações face a face para uma sociedade em que as relações mediadas pela conectividade, que não acabam as interações presenciais. Se no início da comercialização de computadores pessoais eles eram usados por toda família, com passar do tempo e redução de custos, seu uso se torna cada vez mais individual, possibilitando novas formas de subjetivação em ambientes digitais (MISKOLCI, 2016; JUNGBLUT, 2015). Como o cotidiano passa a ser mediado pelas mídias digitais, faz mais sentido pensar em um contínuo on/off-line, e não mais em dois espaços distintos, pois ambos são interdependentes.

De acordo com Castells (2015) o século XXI se caracteriza pela cultura da convergência, isto é, interação e complementaridade entre os três tipos de comunicação, diluindo suas fronteiras, tese já defendida por Jenkins (2009). A autocomunicação de massa, modalidade mais interativa que surge com a internet, não substitui e acaba com a comunicação interpessoal e de massa. O jornal continua sendo um meio importante de comunicação de massa, mas sua plataforma muda e usuários de internet com menos de 30 anos leem jornais principalmente on-line (CASTELLS, 2015).

Nesse contexto da comunicação, os comentários são um importante mecanismo possibilitado por plataformas como o Facebook. Reagle (2015) defende que podemos aprender sobre nossos eus sociais e seus valores através dos comentários on-line e argumenta que estes são um gênero de comunicação, o qual é social, isto é, pode ser visto pelos outros e uma característica fundamental é que são reativos, ou seja, uma resposta a alguma coisa. Um comentário é sobre algo, tem uma fonte ou autor, identificável ou anônima, assim como uma audiência pretendida. Os comentários, especialmente em publicações sobre crimes, expressam visões de mundo e posicionamentos políticos, os quais podem ser realizados de modo impulsivo ou a partir de um roteiro mais conscientizado e refletido de intenções (JUNGBLUT, 2015).

Faz-se necessária uma exposição acerca do contexto de realização da pesquisa, a plataforma Facebook, uma vez que sua dinâmica condiciona seus usos, as interações e consequentemente o conteúdo e as manifestações emocionais produzidas nela. Fundada em 2004, a rede social atingiu dois bilhões de usuários ativos no mundo em 2017 (REDAÇÃO FOLHA, 2017) e 130 milhões de brasileiros acessavam a plataforma mensalmente em janeiro de 2018, 92% via *smartphones*, segundo dados do Digital Report 2018 (KEMP, 2018). Segundo o mesmo relatório, o Brasil é o segundo país com segunda maior média de tempo diário em redes sociais no mundo, com 3 horas e 39 minutos. O Facebook é uma plataforma direcionada a convergência identitária, isto é, a identidade on-line é a mesma off-line, e sua estratégia foi duplicar on-line redes sociais que já existiam off-line (RAMOS, 2015). Nessa rede social o perfil pessoal acaba sendo central (LEITÃO; GOMES, 2017), pois o conteúdo que o usuário tem acesso são de amigos que tem adicionado e páginas que segue, diferente de outras plataformas como o Twitter, em que o conteúdo não fica tão restrito a estas instâncias.

**Figura 1:** Captura de tela da página inicial do Facebook em novembro de 2017



Fonte: Facebook.com

Na página inicial da rede social, designado como o *feed* de notícias, o conteúdo vai se atualizando a partir das publicações dos perfis que se tem adicionado como amigos e páginas que o usuário segue, conforme a Figura 1. Quando surge uma publicação com link externo para outro site, como ocorre em páginas de notícia, aparece uma imagem da reportagem, geralmente acompanhada da chamada da matéria, que é uma breve descrição e abaixo a manchete da reportagem, em maior destaque. Logo abaixo, de modo mais discreto, aparece o número de curtidas e reações à publicação, o número de comentários e o número de compartilhamentos, respectivamente. Ao clicar em cada um deles, pode-se ver quem curtiu, reagiu, os comentários e quem compartilhou. Abaixo, por fim, aparecem as opções de curtir e reagir, comentar e compartilhar.

Ao curtir ou abrir os comentários nas publicações aparecem os dois comentários mais relevantes, isto é, com mais curtidas, reações e comentários. Cada comentário pode receber respostas e aqueles que são respondidos pela própria página que publicou aparece também em destaque. Ao clicar em “ver mais comentários”, para ver além dos dois mais relevantes, aparecem os próximos comentários já dispostos em termos de relevância (número de curtidas e respostas).

A opção por um jornal diário se deu pela presença de publicações diárias de ocorrências criminais locais, que não se encontram em outros veículos jornalísticos de projeção nacional, com Folha de São Paulo, Estadão e etc., que só noticiam excepcionalmente casos de grande comoção. Para tanto, foi escolhido o jornal Diário de Santa Maria justamente pela presença dessas publicações e de comentários dos internautas nelas. O jornal está localizado em Santa Maria, município de médio porte da região central e com a quinta maior população do Rio Grande do Sul. Fundado em 2002 e atualmente principal publicação do município, o DSM em 2016 circulava em 39 cidades do estado com tiragem semanal de 17 mil exemplares e 1,9 milhões de acessos mensais em seu *website* (REDAÇÃO COLETIVA, 2016). Em fevereiro de 2017 não pertencia mais ao Grupo RBS após ser comprado por empresários locais e em novembro de 2017 sua página oficial no Facebook possuía mais de 380 mil seguidores.

### **O campo da Antropologia das Emoções**

O estudo das emoções foi por muito tempo negligenciado nas Ciências Sociais, desde autores clássicos, como Durkheim, devido a uma visão que as concebia como manifestação natural e individual, situadas, portanto, fora do escopo da Sociologia (COELHO; REZENDE, 2011). Apesar de as emoções terem algum espaço em algumas reflexões da área, como na escola culturalista de antropologia norte americana, é apenas nos anos 1980 que é delimitado um campo específico da Antropologia das emoções nos Estados Unidos, com as publicações de Lutz e White (1986) e Abu-Lughod e Lutz (1990) (COELHO; REZENDE, 2011, p.13). Abu-Lughod e Lutz (1990), identificam três estratégias usadas para tratar as emoções: a perspectiva essencialista, predominante em estudos psicológicos, e as abordagens relativista e historicista, opondo-se ao essencialismo da primeira corrente. As autoras propõem a abordagem contextualista, fortemente influenciada pela noção de discurso foucaultiana, enfatiza a dimensão micropolítica das emoções, concebida como meio de acesso às relações de poder (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990).

A perspectiva contextualista é adotada neste artigo justamente por centrar-se na dimensão micropolítica das emoções, isto é, “seu potencial para dramatizar/alterar/reforçar a dimensão macrossocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas” (REZENDE; COELHO, 2010, p.75). Deste modo, portanto, discorrendo sobre a perspectiva de Abu-Lughod e Lutz (1990), segundo Rezende e Coelho (2010, p.78), as emoções estão perpassadas pelas relações de poder, estruturas hierárquicas e concepções de moralidade. A inovação dessa abordagem é seu pressuposto na noção foucaultiana de discurso, que concebe o

“discurso como uma fala que mantém com a realidade uma relação não de referência, mas sim de formação”, isto é, “nela o real não preexiste ao que é dito sobre ele, mas, ao contrário, é formado por aquilo que se diz sobre ele (REZENDE; COELHO, 2010, p.75).

O foco da abordagem contextualista de Abu-Lughod e Lutz (1990) não são as emoções em si, mas os discursos sobre ela, e como esta pesquisa tem como objeto os textos, cabem algumas ressalvas. No tocante à análise de emoções em textos, as figuras de linguagem, como a metáfora e a metonímia, são cruciais para a emocionalidade dos textos, além disso atenta-se para os modos pelos quais os textos nomeiam ou performam diferentes emoções (AHMED, 2004, p.13). Ainda, a autora argumenta que as emoções funcionam “lendo os objetos” e nos textos sobre migração que analisa observa como diferentes figuras se juntam nesses discursos, por meio de emoções como o ódio, que atua “juntando” figuras, tornando-as ameaças comuns.

Segundo Barbalet (2000, p.1), uma emoção é uma experiência de envolvimento, profunda ou rasa, positiva ou negativa em relação a um evento, pessoa ou condição que necessariamente importa para a pessoa, proporcionalmente. Indo além, Barbalet (1998) defende que o conceito *climas emocionais* é relevante para o estudo do tema, pois diferenciam grupos por serem partilhados pelos seus membros e pouco suscetíveis de serem sentidos por não membros. Nesse sentido:

Os climas emocionais são conjuntos de emoções ou sentimentos que não são apenas partilhados por grupos de indivíduos envolvidos em estruturas e processos sociais comuns, mas que são também significativos na formação e manutenção de identidades políticas e sociais e no comportamento colectivo (BARBALET, 1998, p.231).

Uma emoção relevante nesta investigação é o nojo, devido a sua capacidade micropolítica. Tal emoção é essencialmente moral, ranqueando as coisas e as pessoas em um tipo de ordenamento. Além disso, o nojo está intrinsecamente ligado à ideia de perigo, contágio e poluição por proximidade, indicando:

expressões que declaram coisas ou ações repulsivas, revoltantes ou que dão origem a reações descritas como repulsa e aversão, bem como nojo. Desgosto nomeia uma síndrome na qual todos esses termos têm seu papel apropriado. Todos transmitem uma forte sensação de aversão a algo percebido como perigoso por causa de seus poderes de contaminar, infectar ou poluir por proximidade, contato ou ingestão (MILLER, 1997, p.2, tradução nossa).

Para Miller (1997), as emoções são fenômenos culturais, sociais e linguísticos e também possuem intensiva significação política, por manter hierarquias. Ainda, segundo o autor, a cultura é inconcebível sem o nojo e sentir nojo é humano e humanizador. Tal emoção, ainda que seja vista como mais visceral que as demais, é fundamental, estruturando o mundo e nossa postura quanto a ele. O autor busca “demonstrar as poderosas capacidades geradoras de imagem do nojo e o importante papel que desempenha na organização e internalização de muitas das nossas atitudes em relação aos domínios moral, social e político” (MILLER, 1997, p.18, tradução nossa).

Outra emoção que se destaca é a compaixão, que desempenha um trabalho micropolítico semelhante ao nojo, por demarcar fronteiras entre os grupos sociais, hierarquizar e evidenciar regramentos morais (COELHO, 2010). Clark (1997) elenca o critério de responsabilidade como central para se suscitar compaixão: o sujeito é menos merecedor quando tem culpa, mas quando é atribuído ao acaso ou ao outro, se enquadrando em uma representação de vítima, tem mais chances de suscitar tal emoção (REZENDE; COELHO, 2010). Para as autoras, portanto:

A compaixão criaria assim ‘fronteiras morais’, separando aqueles representados como merecedores de compaixão - porque isentos de culpa ou responsabilidade pelo que lhes acontece - e aqueles a quem se destina uma reação de impiedade, uma vez que são percebidos como responsáveis por suas desventuras (p.82-83).

### **Representações do crime no DSM e nos comentários on-line**

Inicialmente, pretendia-se acompanhar as publicações por três meses, entretanto, devido ao volume de matérias e alto número de comentários em algumas delas, em um mês já foi suficiente para a constituição do *corpus* empírico (BAUER; AARTS, 2012). Para tanto foi criado um perfil na referida rede social exclusivamente para seguir a página do DSM de modo que era o único conteúdo que aparecesse no *feed* de notícias. A coleta dos dados, feita de modo manual, buscou obter os comentários das publicações e as curtidas/reações, bem como a reportagem no site do DSM. Já a análise e as codificações foram feitas com auxílio do *software* de análise qualitativa NVivo 12.

O *corpus* final foi constituído por um total de 57 reportagens sobre crimes violentos, compreendidos aqui os tipos penais de crime contra a vida, agressão/tentativa de homicídio e crime sexual, coletadas durante o mês de abril de 2017. Todos os comentários receberam um número e foram categorizados, não englobando respostas a comentários e respostas da própria página do DSM, totalizando 1793 comentários.

Homicídio e agressão totalizaram 23 (40%) casos cada dos crimes das reportagens, 6 (11%) casos foram de crimes sexuais, 3 (5%) foram crime sexual e homicídio, 1 (2%) caso foi agressão e homicídio e 1 (2%) caso não enquadrado-se.<sup>1</sup> Mesmo assim, alguns comentários nesta publicação referiam-se à insegurança, ou seja, demonstrando que nem todos comentadores leem as reportagens. Do total de 1793 comentários classificados, 1207 (67%) eram de perfis femininos, 530 (30%) masculinos e 56 (3%) de perfis de casais ou indefinidos, usuários que subvertem o uso da plataforma, que é destinado a convergência identitária on-line e off-line. Portanto, há um grande predomínio de comentadores de perfis femininos.

A partir da leitura dos comentários e com base na análise de conteúdo (BAUER, 2003), foram estabelecidas classificações para a reação dos comentadores em relação ao crime (positiva ou negativa), à vítima, ao suspeito e se o comentário demonstra insegurança ou atribui causas sociais e/ou solução para a diminuição da violência. As categorias elaboradas foram as seguintes:<sup>2</sup>

1. **Lamento x Indiferença** - foram classificados nesta categoria a partir da polarização Lamento (ação problemática) ou Indiferença (ação não problemática ou apoio). Lamento engloba comentários que lamentavam o ocorrido, demonstrando tristeza ou indignação, vendo a ação como negativa. Indiferença envolve comentários indiferentes ou apoiando a ocorrência.
2. **Crítica à vítima X Apoio à vítima** - comentários que culpabilizam ou enfatizam em algum grau a culpa da vítima do ocorrido ou comentários que apoiam a vítima ou se referem a ela ou aos familiares de modo solidário.
3. **Crítica ao suspeito X Apoio ao suspeito** - comentários hostis, xingamentos ou condenação ao suspeito, enfatizando sua culpa,

<sup>1</sup>Este último entrou no *corpus* empírico, pois o título da reportagem era “Jovem é encontrado morto no Centro da cidade”. Posteriormente descobriu-se que se tratava um acidente de trânsito.

<sup>2</sup>No caso das categorias 1, 2 e 3, os comentários que não se referiam a nenhuma dessas opções não eram categorizados.

pedindo punição ou comentários que apoiam, justificam ou relativizam a ação do suspeito.

4. **Insegurança** - comentários que apresentam que o crime se tornou cotidiano, apontam para a banalização da violência, demandam mais segurança, descrição de violência que passou ou alguém próximo, medo ou percepção de aumento do crime.
5. **Causa, solução ou cobrança** - comentários que apontam causas sociais para o crime, que apresentam soluções para combater, diminuir ou eliminar o crime, que criticam as leis ou a impunidade, que cobram autoridades para tomar uma atitude frente a violência ou cobram justiça.
6. **Marcação** - comentários marcando outros perfis para ver a publicação.
7. **Indisponível** - comentários não disponíveis no arquivo, como *emojis* e *gifs*.
8. **Não classificado** - não se enquadram em nenhuma das categorias precedentes.

Conforme o Quadro 1, do total de comentários, 32% lamentaram a ocorrência, 21% marcavam outros perfis na publicação, 17% apontaram para causas sociais e/ou soluções, 16% apresentaram insegurança, 15% criticaram o suspeito do crime, 11% não se enquadraram em nenhuma outra classificação, 7% criticaram a vítima, 6% apoiaram a vítima, 3% foram indiferentes ou apoiaram o crime, 3% indisponíveis e 2% apoiaram o suspeito da ocorrência. Estes dados ajudam a traçar um panorama geral sobre comentários on-line em publicações de notícias sobre crimes violentos, porém é preciso levar em consideração cada matéria individualmente, pois em cada uma delas havia uma reação e um debate predominante.

**Quadro 1:** Frequência do total de comentários em cada categoria, por ordem de frequência

<b>Categoria</b>	<b>Frequência (%)</b>
Lamento	581 (32%)
Marcação	377 (21%)
Causa, solução ou cobrança	313 (17%)
Insegurança	283 (16%)
Crítica ao suspeito	269 (15%)
Não classificado	200 (11%)
Crítica à vítima	131 (7%)
Apoio à vítima	117 (7%)
Indiferença	53 (3%)
Indisponível	52 (3%)
Apoio ao suspeito	38 (2%)
<b>TOTAL</b>	<b>1793</b>

**Fonte:** *Corpus* empírico elaborado pelo autor

O Quadro 2 estabelece a matéria com maior frequência percentual em cada uma das categorias, em reportagens com 20 ou mais comentários. Fica claro como em cada publicação há um predomínio e uma polarização específica. Isso demonstra as reações bastante diferentes e polarizadas, de modo que o mesmo tipo de crime possa ter reações diferentes e até mesmo opostas.

**Quadro 2:** Maior percentual de frequência em cada categoria por matéria, em matérias com mais de 20 comentários

Categoria	Frequência (%)	Manchete
Lamento	36 (95%)	"Eu ainda não acredito que ele morreu", diz mãe de adolescente assassinado em frente à escola
Indiferença	30 (65%)	Homem é assassinado pela companheira em São Sepé
Crítica à vítima	18 (72%)	Idoso é morto a tiros em Faxinal do Soturno
Apoio à vítima	25 (66%)	"Eu ainda não acredito que ele morreu", diz mãe de adolescente assassinado em frente à escola
Crítica ao suspeito	22 (88%)	Ariosto confessa, diante do juiz, autoria de todos os crimes
Apoio ao suspeito	25 (54%)	Homem é assassinado pela companheira em São Sepé
Insegurança	14 (58%)	Homem é baleado em lancheria em Santa Maria
Causa, solução ou cobrança	17 (68%)	Ariosto confessa, diante do juiz, autoria de todos os crimes
Marcação	61 (65%)	Jovem é vítima de estupro em Santa Maria
Indisponível	14 (20%)	Taxista é baleado e tem carro roubado em Santa Maria
Não classificado	14 (37%)	Namorada de suspeito de assassinato nega que tenha sido motivação para o crime

**Fonte:** *Corpus* empírico elaborado pelo autor

Observa-se algumas associações entre algumas categorias e reportagens, expostos na Figura 2 como três polos. A publicação com maior índice de *Lamento* nos comentários (95%) é a que também teve maior índice de *Apoio à vítima* (66%), cuja manchete é “‘Eu ainda não acredito que ele morreu’, diz mãe de adolescente assassinado em frente à escola” (CARVALHO, 2017). Em outro pólo, a publicação com o maior índice de *Indiferença* (65%) também foi a que teve maior índice de *Apoio à vítima* (66%), cuja manchete é “Homem é assassinado pela companheira em São Sepé” (LAMAS, 2017). No outro polo, a publicação que obteve maior índice de *Crítica ao suspeito* (88%) é também a com maior percentual de *Causa, cobrança ou solução*, na manchete “Ariosto confessa, diante do juiz, autoria de todos os crimes” (PERUFO; ANTONELLO, 2017). Por questão de espaço, serão analisados apenas dois eixos, mas que englobam manifestações emocionais distintas, com destaque para a compaixão e o nojo.

Deste modo, ficam definidos três polos, no primeiro estão associadas as categorias *Lamento* e *Apoio à vítima* na reportagem que consiste em uma entrevista com a mãe de um estudante assassinado em frente à escola por outro adolescente. Este crime foi de grande comoção no município e sete publicações se referiram ao caso, dentre elas a primeira matéria noticiando o crime, a qual teve o maior número de curtidas do *corpus*, 2226. A manchete da reportagem era “‘Eu ainda não acredito que ele morreu’, diz mãe de adolescente assassinado em frente à escola” e a chamada que a acompanhava na publicação no Facebook “Gabriel Silveira, 14 anos, foi morto a facadas dia 10 deste mês”. A publicação obteve 918 curtidas e

38 comentários. A entrevista da mãe nesta matéria é carregada de um tom emocional, falando sobre a perda do filho, suas últimas palavras e a falta de insegurança.

**Figura 2:** Associações entre categorias



Fonte: Elaboração do autor

A mãe fala sobre as dificuldades que teve ao dar à luz o filho com 16 anos, cujo pai morreu quando ele tinha apenas 4 anos. Comentou que sempre fez tudo para seu filho, que muitas vezes deixou de comer para dar de comer a ele. Enfatiza que seu filho “era cheio de amigos, de alegria, de planos” (CARVALHO, 2017) e que uma semana antes de morrer ele deixou uma carta que dizia que amava muito sua mãe e que ela era muito importante para ele. No dia da morte, seu filho estava com dor de garganta e ela pediu para ele ficar em casa para se recuperar. Perto do fim da aula, ela ligou para ele para saber como estava e suas últimas palavras foram “te amo, minha *véinha*” (CARVALHO, 2017).

Em resposta a esta reportagem comovente os comentários predominantes foram *Lamento* e *Apoio à vítima*. Os mais relevantes na publicação, com maior número de curtidas na publicação, foram:

1. “Até quando meu Deus uma mãe ir trabalhar tranquila que o filho estava na escola e acontece isso. Eu rezo por essa mãe porque a dor que ela sente e imensurável, esse assassino tirou a vida do menino e tirou um metade dá vida dessa mãe !! Que Deus conforte o coração dessa pobre mãe”, 21 curtidas, perfil feminino.
2. “Os meus mais sinceros sentimentos, muito triste, um absurdo total essa violência que estamos vivendo. A essa mãe desejo muita força, perder um filho é contra a lei da natureza, luto c essa dor a 9 anos e sigo lutando por justiça. Muita força, fé e luz!”, 8 curtidas, perfil feminino.

Em ambos os comentários estão presentes *Lamento* e *Apoio à vítima* e o primeiro também apresenta *Crítica ao suspeito*, referindo-se ao suspeito do crime como “assassino” e o segundo expressa também *Insegurança*. Neste caso, o modo que a matéria é feita, enfatizando

a dor da mãe deste adolescente, os comentários na publicação estão consonância com a reportagem, gerando respostas empatia, compaixão e solidariedade com a vítima e sua família. Destaca-se que em relação à compaixão, segundo Clark (1997), há uma centralidade do critério de responsabilidade, pois quando o indivíduo tem culpa, tem menos chance de suscitar tal emoção. Mas quando é atribuído ao acaso ou a outro, se enquadrando melhor em uma representação de vítima, como é o caso, suas chances de suscitar compaixão aumentam (REZENDE; COELHO, 2010). Este critério expressa ordenamentos morais e ajuda a explicar outras respostas de condenação a agressores ou a vítimas em outras publicações, evidenciando importância do contexto para compreender as manifestações emocionais. Outras categorias, com incidência bem menor foram *Causa cobrança ou solução*, com 9 (24%) comentários, *Insegurança*, com 8 (21%), e *Crítica ao suspeito*, com 5 (13%).

Destaca-se a ocorrência do termo “justiça” no segundo comentário, que também foi dito em outros cinco, todos expressando *Lamento* e *Apoio à vítima*, exceto um. Um perfil feminino elenca: “Que Deus conforte o coração dela e que a justiça seja feita”, outras duas cobram: “que justiça seja feita”, uma delas após desejar força à mãe de Gabriel. As manifestações de lamento e empatia pela dor da perda se cruzam com demandas por justiça, revelando a capacidade micropolítica de mobilização do sentimento de injustiça e indignação. Este caso de grande atenção no município, com maior número de publicações, levou até a realização de um protesto para lembrar do adolescente (REDAÇÃO DIÁRIO, 2017). Ao observar o movimento das vítimas da Boate Kiss, também em Santa Maria e com atenção para a dimensão micropolítica das emoções, Siqueira e Victora (2017, p.24) argumentam que a empatia suscitada pela “dor” das perdas, com a “injustiça” encontra outro foco que demanda “indignação” e acaba se materializando na luta por “justiça”. O sentimento de indignação, quando sobreposto a dor, portanto, tem a capacidade de mobilizar as pessoas para a rua (SIQUEIRA; VICTORA, 2017, p.25).

Se de modo geral foram as respostas de *Lamento* que lideraram, com 581 (32%) comentários ao todo, em outro polo, situam-se as categorias *Causa, cobrança ou solução* e *Crítica ao suspeito*, que foram as respostas mais frequentes na reportagem “Ariosto confessa, diante do juiz, autoria de todos os crimes”, seguido pela chamada “Ele admitiu matar uma criança, dois adolescentes e um idoso em Pinhal Grande #violência” na publicação (PERUFO; ANTONELLO, 2017). A matéria descreve que Ariosto confessou a chacina da qual era acusado, dentre os crimes estavam o estupro e assassinato de sua enteada de 16 anos, o assassinato de uma criança de 10 anos, um adolescente de 17 e um idoso de 60, ocorridos em novembro de 2016. O advogado assistente de acusação revelou que Ariosto disse que as famílias da vítima deveriam sofrer e pontua: “Em anos de profissão, nunca havia visto tamanha frieza” (PERUFO; ANTONELLO, 2017). A matéria refere-se ao autor dos crimes pelo nome, às vítimas também pelos nomes, além de “criança”, “adolescente” e “idoso” e refere-se à ação dos crimes como “homicídios”, “estupro”, “assassinado”, “matado” e “chacina”.

É em resposta a tal publicação que as reações são de raiva, nojo, ódio e pedidos por punição. Os comentários mais relevantes foram:

1. “Tem que morrer na cadeia Bandido que matou só pessoas inocentes”, 11 curtidas, perfil feminino.
2. “Mata esse verme da menos prejuízo aos cofres públicos”, 8 curtidas, perfil masculino.

Ambos os comentários expressam tanto *Causa, cobrança ou solução*, com raivosos pedidos por punição, no caso por pena de morte, e também *Crítica ao suspeito*, expressando nojo quanto ao acusado. Foram 17 (68%) respostas na publicação classificados na primeira categoria, dentre as repostas mais “leves”, dois comentários apenas criticaram a impunidade,

um deles dizendo “daqui a 5 anos o ‘judiciário’ solta”. Outros cinco pedem prisão perpétua e que “morra” ou “apodreça” na cadeia. São todas respostas de inconformidade e indignação, sentimento mobilizante e crucial em alguns tipos de ação coletiva (GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2004), ainda que não seja desencadeada nesse caso.

A resposta predominante na categoria *Causa, cobrança ou solução*, porém, foram pedidos por punições mais severas, em que outros dez comentadores pediram ou pena de morte ou tortura/sofrimento para o acusado. A resposta mais punitiva veio de um perfil feminino: “*Tem q apodreser na cadeia e servir de mulhersinha ainda la e ser torturado aranca os pidacinho todos os dias morre podre bem lentamente monstro*”. Nesses casos, entretanto, as expressões emocionais estão mais próximas da raiva, ódio e nojo, discursos que negam a humanidade do outro devido a suas ações “monstruosas”. Suscitado por ações que agridem convicções de moralidade, o nojo atua como idioma para expressão de julgamentos morais (MILLER, 1997). Capacidade micropolítica semelhante é desempenhada pela compaixão, nesse caso sua ausência, pois quando o indivíduo tem culpa, e não é algo fruto do acaso ou de outro, é diminuída a chance de suscitar compaixão (REZENDE; COELHO, 2010). Nesse caso extremo, tida como total culpa ao autor da chacina, destinam-se reações de impiedade.

A vingança e a retaliação, que de acordo com Moore (apud BARBALET, 1998, p.196) estão por trás da indignação moral e do sentimento de injustiça, é um meio de nivelar as coisas, ainda que nunca completamente. Outro modo de nivelar as coisas seria a inversão dos gêneros, com manifesta misoginia, desejando que o acusado vire “mulherzinha”, referindo-se a crença no senso comum de que estupradores sofrem violência sexual como punição no presídio. Como diz Lutz (1990, p.69, tradução nossa), “qualquer discurso sobre emoções é também, ao menos implicitamente, um discurso sobre gênero”, pois na representação ocidental as emoções estão hierarquizadas abaixo da racionalidade, bem como associadas ao feminino, e nesse caso explicitamente vinculadas à submissão e a violência sexual.

Ainda, a mesma publicação também teve maior índice de *Crítica ao suspeito*, com 22 (88%), incluídos os dois comentários mais relevantes, desejando sua morte e se referindo a ele como “bandido”, “nulidade” e “peste”. Dentre os adjetivos dirigidos ao suspeito destacam-se “verme” e “assassino”, com três ocorrências cada, e “bandido” e “monstro”, com duas cada. Uma ocorrência deste último era “demônio assassino” e além destes houve “psicopata” e “lixo fpd”, uma vez cada. Atenta-se que esses comentários raivosos em relação ao suspeito expressam nojo, que, segundo Miller (1997), é sobretudo uma emoção moral, com capacidade micropolítica de hierarquizar as pessoas por ser uma afirmação de superioridade. Distinta por seu estilo aversivo único, o nojo indica “expressões que declaram coisas ou ações repulsivas, revoltantes ou que dão origem a reações descritas como repulsa e aversão, bem como nojo” (MILLER, 1997, p.2, tradução nossa). Nesse sentido, ainda segundo o autor, sentir nojo é humanizador, pois a cultura e os regramentos morais são inconcebíveis sem a atuação micropolítica dessa emoção.

Uma surpresa foi a ausência de manifestações de medo, essencialmente político e constitutivo das relações governante/governado, mesmo na categoria *Insegurança*, que em tese englobaria manifestações dessa emoção (BOUCHERON; ROBIN, 2016; PRAYE, 2016). Ao invés do medo, as reações predominantes nesse tipo de publicação, sobre ocorrências criminais, são de outras categorias, que manifestam outras emoções como compaixão e nojo. Na publicação “Homem é baleado em lancheria em Santa Maria”, com maior incidência de *Insegurança*, foram 14 (58%) comentários. A maior parte deles apenas apontam para a banalização da violência, sendo recorrentes expressões como “todos os dias” referentes aos casos de violência, marcadas por um tom de indignação ao mesmo tempo que parecem acostumados com a situação. São recorrentes as figuras de linguagem, que segundo Ahmed (2004), são cruciais para a emocionalidade nos textos, como no caso de um comentarista que

diz que “Santa Maria está uma mini Porto Alegre”, outro disparando “que baderna”, outro “situação de calamidade” e outro que diz que o município está se tornando uma Cidade de Deus.

As próprias manchetes revelam a postura descritiva e sistemática da redação, que persiste nos textos das reportagens, se distanciando de uma cobertura alarmista e sensacionalista, comum em outros veículos. Antes da coleta dos dados, quando o jornal ainda era da RBS, observava-se uma postura não sistemática, como por exemplo as vezes noticiando como “traficante” (REDAÇÃO DIÁRIO, 2015b) ou “empresário condenado por tráfico” (REDAÇÃO DIÁRIO, 2015a). O emprego do termo “suspeito” foi muito criticado nos comentários, que alegavam que o jornal deveria chamar de adjetivos como “bandido”. Algumas vezes, por isso mesmo, a página intervinha nos comentários justificando o uso do termo “suspeito”, por ser mais adequado juridicamente. Tais críticas dos internautas em relação ao emprego do termo jurídico seguem tendências da contemporaneidade de ceticismo dos atores sociais quanto ao discurso dos especialistas e da mídia tradicional (GARLAND, 2008; LUPTON, 2013).

Além disso, um mês após a coleta dos dados, a própria página do DSM lançou um “Manual de uso de nossa página no Facebook” que, dentre as regras, não seria mais permitido comentários violentos, preconceituoso ou incitação ao ódio além de não permitir ofensas ou ameaças. Tal situação vai ao encontro de Reagle (2015) argumentando que comentários online tem um lado problemático desde o seu surgimento na internet, com sites e *blogs* buscando formas de coibir maus comentários, incorporando mecanismos de segurança e em alguns casos desativando-os de suas plataformas. Aqui destaca-se uma limitação, pois com tempo de coleta dos dados curto, sem um recorte longitudinal, não foi possível detalhar essas mudanças. Ainda assim, elas demonstram as demandas da audiência e como as mídias são influenciadas por elas. Se a televisão foi a instituição que mais alavancou o poder punitivo no Brasil (NASCIMENTO, 2008), nesse caso a demanda pelo poder punitivo vem justamente da audiência.

Comparando estes resultados com um trabalho sobre representações da violência no Twitter, se evidencia o importante papel do contexto e das plataformas no conteúdo nelas produzido. Júnior (2016) analisa a *hashtag* #ChacinaEmBelém que foi aos *trending topics* do Twitter no Brasil, os assuntos mais comentados, após a morte de um policial militar em que 10 pessoas foram assassinadas na periferia da cidade. O autor classificou os *tweets* em oito categorias: opinião, humor, indignação, informação, ironia, meios institucionais, medo e outros. Além disso, Júnior (2016, p.169) constatou que essa mobilização foi emocional, desencadeada pela indignação, mas também sem preocupações com as informações relevantes sobre a chacina e a violência. Nesse caso, as respostas são distintas das encontradas em um contexto de um diário local no Facebook, diferenciando o Twitter como uma rede em que se produzem comentários de humor e ironia.

### **Considerações finais**

Este artigo analisou as reportagens sobre crimes violentos e as reações a elas nos comentários do Facebook, a partir da perspectiva teórica contextualista do estudo das emoções, com atenção para sua capacidade micropolítica. Ressalta-se o caráter de diário local do jornal Diário de Santa Maria, no qual as ocorrências criminais têm destaque e geram engajamento em suas publicações na rede social Facebook. No período analisado, a postura do jornal foi sistemática e descritiva, não se referindo aos suspeitos dos crimes de modo alarmista e adjetivado, apesar da grande atenção destinada à violência, com 57 publicações de crimes violentos em apenas um mês.

Nos comentários, a situação foi bastante diferente, com intensas manifestações emocionais dos usuários. Foram estabelecidas categorias quanto às reações ao crime como

Lamento, que foi predominante, Indiferença, Crítica ou Apoio à vítima, Crítica ou Apoio ao suspeito, Insegurança e Causa, cobrança ou solução, criadas a partir da análise de conteúdo para os 1793 comentários, dos quais 67% eram de perfis femininos. Delinearam-se se três eixos, num caso englobando a matéria com maior índice de *Lamento e Apoio à Vítima*, em que se destacou manifestações emocionais de compaixão, solidariedade e empatia. As reações à matéria sobre um adolescente de 14 anos assassinado em frente à escola, vai ao encontro de Clark (1997) quando elenca o critério de responsabilidade para suscitar compaixão, pois quando não é atribuída culpa ao sujeito, se enquadrando em uma representação de vítima, como é o caso, é mais suscetível receber respostas de compaixão. Em outros casos, até mesmo em um mesmo tipo penal, foram dirigidas respostas de impiedade em relação à vítima, evidenciando moralidades no critério de responsabilidade, a atuação micropolítica da compaixão e também a importância desse clima emocional, significativo na manutenção do comportamento coletivo. Além disso, as manifestações de compaixão se cruzaram com demandas por “justiça” em um tom de indignação, que nesse caso levou até a realização de uma manifestação para lembrar do caso, convergindo com Siqueira e Victora (2017), as quais observaram que no contexto da tragédia da boate Kiss, quando o sentimento de indignação se sobrepôs à dor, teve a capacidade de mobilizar as pessoas para a rua, destacando sua capacidade micropolítica de mobilização.

Em outro eixo, entretanto, foram as manifestações do nojo, raiva e ódio que se destacaram, em uma publicação com maiores índices de *Causa, cobrança ou solução e Crítica ao suspeito*, frente ao caso de uma chacina de quatro pessoas, dentre elas uma criança de 10 anos e um idoso, além de um estupro, predominando pedidos de morte ou sofrimento ao suspeito. Também foram dirigidos adjetivos como “bandido” e “monstro”, em que ódio e raiva se associam com nojo, que é suscitado por ações que agridem convicções morais (MILLER, 1997). Tal emoção tem capacidade micropolítica semelhante à da compaixão, ausente nesse caso, devido à visão do suspeito como culpado, resultando em manifestações de impiedade (REZENDE; COELHO, 2010). Em relação as questões de gênero, um comentário desejou que o acusado “virasse mulherzinha” na cadeia, associando as mulheres à submissão e à punição. Segundo Lutz (1990), na representação ocidental as emoções estão hierarquizadas abaixo da racionalidade, bem como associadas ao feminino, nesse caso associando-as à violência sexual, submissão e à fragilidade.

## Referências

- ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. (eds.). **Language and the politics of emotion**: Studies in emotion and social interaction. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- AHMED, Sara. Introduction: feel your way. In: AHMED, S. **The Cultural Politics of Emotion**. 2.ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.
- BARBALET, Jack. **Emoção, teoria social e estrutura social**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- BARBALET, Jack. Why Emotions are crucial. In: BARBALET, Jack M. (ed.) **Emotions and Sociology**. Oxford: Blackwell, 2000.
- BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin e GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático.. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BAUER, Martin; AARTS, Bas. A Construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

- BOUCHERON, Patrick; ROBIN, Corey. **El miedo**: historia y usos políticos de una emoción. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016.
- CARVALHO, Carolina. 'Eu ainda não acredito que ele morreu', diz mãe de adolescente assassinado em frente à escola. *Diário de Santa Maria*, 17 abr. de 2017. [www.facebook.com/diariodesantamaria/posts/1473907449327038](http://www.facebook.com/diariodesantamaria/posts/1473907449327038). Acesso em 19.04.2017.
- CASTELLS, Manuel. A comunicação na era digital. In: **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- CLARK, Cadence. **Misery and Company**: Sympathy in Everyday Life. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1997.
- COELHO, Maria Claudia. Narrativas de violência: a dimensão micropolítica das emoções. **Mana** - Estudos de Antropologia Social, v.16, n.2, p. 265-285, 2010.
- COELHO, Maria; REZENDE, Claudia. Introdução. O campo da antropologia das emoções. In: COELHO, M. & REZENDE, C. (eds.). **Cultura e sentimentos**: ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.
- GARLAND, David. Complexo do Crime: a cultura das sociedades de alta criminalidade. In: **Cultura do Controle**: crime e ordem na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia/Editora Revan, 2008.
- GOODWIN, Jeff; JASPER, James; POLLETTA, Francesca. Emotional dimensions of social movements. In: SNOW, David; SOULE, Sarah; KRIESI, Hanspeter (Eds). **The blackwell companion to social movements**. Hoboken: Blackwell, 2004.
- JÚNIOR, Sérgio. A violência e as suas representações no Twitter: o caso da #ChacinaEmBelem. **Mediação**, v. 18, n. 22, p. 153-172, 2016.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JUNGBLUT, Airton. Práticas ciberativistas, agência social e ciberacontecimentos. **Vivência**, v. 1, n. 45, p. 13-22, 2015.
- KEMP, Simon. **Digital 2018: Brazil**, fev. 2018. [datareportal.com/reports/digital-2018-brazil?rq=brazil](http://datareportal.com/reports/digital-2018-brazil?rq=brazil). Acesso em 17.11.2019.
- LAMAS, João. Homem é assassinado pela companheira em São Sepé. **Diário de Santa Maria**, 9 de abr. de 2017. [www.facebook.com/diariodesantamaria/posts/1463921510325632](http://www.facebook.com/diariodesantamaria/posts/1463921510325632). Acesso em 17.04.2017.
- LEITÃO, Débora; GOMES, Laura. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, n. 42, p. 41-65, 2017.
- LUPTON, Deborah. **Risk**. 2.ed. New York: Routledge, 2013.
- LUTZ, Catherine. Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American Discourse. In: LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. (eds.). **Language and the politics of emotion**: Studies in emotion and social interaction. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey. The anthropology of emotions. **Ann. Rev. Anthropol.**, v. 15, p. 405-436, 1986.
- MILLER, William I. **The Anatomy of Disgust**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

- MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, 2011.
- MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 275-297, 2016.
- NASCIMENTO, André. Apresentação à edição brasileira. IN: GARLAND, David. **Cultura do Controle: Crime e ordem na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia/Editora Revan, 2008.
- PASSIANI, Enio. Figurações possíveis: o romance como mimeses do processo civilizador. In: SANTOS, José et ali. (Org.). **Violência e mundialização: políticas, polícias e penas**. Porto Alegre: Editorial tomo, 2016.
- PAYRE, Renaud. Presentación. In: BOUCHERON, Patrick; ROBIN, Corey. **El miedo: historia y usos políticos de una emoción**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016.
- PERUFO, Gabriela; ANTONELLO, Lizie. Ariosto confessa, diante do juiz, autoria de todos os crimes. **Diário de Santa Maria**, 25 abr. de 2017. [www.facebook.com/diariode santamaria/posts/1481738928543890](http://www.facebook.com/diariode santamaria/posts/1481738928543890). Acesso em 27/04/2017.
- RAMOS, Jair. Subjetivação e poder no Ciberespaço: da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. *Vivência*, Natal, v. 1, n. 45, p. 57-76, 2015.
- SANTOS, José; TEIXEIRA, Alex. Figurações da violência: uma apresentação enigmática. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 34, p. 14-25, 2013.
- SANTOS, José; TEIXEIRA, Alex. Plata o plomo: figurações da violência no romance e na televisão na América Latina. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos et ali. (Org.). **Violência e mundialização: políticas, polícias e penas**. Porto Alegre: Editorial tomo, 2016.
- SIQUEIRA, Monalisa; VICTORA, Ceres. O corpo no espaço público: emoções e processos reivindicatórios no contexto da “Tragédia de Santa Maria”. **Revista Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 166-190, 2017.
- TEIXEIRA, Alex. **A produção televisiva do crime violento na modernidade tardia**. Tese. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 2009.
- REDAÇÃO COLETIVA. RBS vende Diário de Santa Maria. **Coletiva**, nov. 2016. [coletiva.net/noticias/2016/11/rbs-vende-diario-de-santa-maria/](http://coletiva.net/noticias/2016/11/rbs-vende-diario-de-santa-maria/). Acesso em 26.11.2017.
- REDAÇÃO DIÁRIO. VÍDEO: protesto lembra adolescente assassinado em frente à escola em Santa Maria. **Diário de Santa Maria**, 17 abr de 2017. <https://www.facebook.com/diariodesantamaria/posts/1473453706039079>. Acesso em 17.04.2017.
- REDAÇÃO DIÁRIO. Empresário é condenado por tráfico internacional de armas. **Diário de Santa Maria**, mar. de 2015. [diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policia/noticia/2015/07/empresario-e-condenado-por-trafico-internacional-de-armas-4798471.html](http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policia/noticia/2015/07/empresario-e-condenado-por-trafico-internacional-de-armas-4798471.html). Acesso em 09.07.2015a.
- REDAÇÃO DIÁRIO. Preso homem que é considerado um dos maiores traficantes da região central do estado. **Diário de Santa Maria**, mar. de 2015b. [diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policia/noticia/2015/03/preso-homem-que-e-considerado-um-dos-maiores-trafficantes-da-regiao-central-do-estado-4719619.html](http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral-policia/noticia/2015/03/preso-homem-que-e-considerado-um-dos-maiores-trafficantes-da-regiao-central-do-estado-4719619.html). Acesso em 09.07.2015.

REDAÇÃO FOLHA. Facebook atinge marca de 2 bilhões de usuários, anuncia Zuckerberg. **Folha de São Paulo**, jun. de 2017. [www1.folha.uol.com.br/tec/2017/06/1896428-facebook-atinge-marca-de-2-bilhoes-de-usuarios-anuncia-zuckerberg.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/tec/2017/06/1896428-facebook-atinge-marca-de-2-bilhoes-de-usuarios-anuncia-zuckerberg.shtml). Acesso em 23.11.2017.

REZENDE, Claudia; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.